

Uma hipótese sobre a origem do fenômeno urbano numa fronteira de recursos do Brasil

BERTHA K. BECKER
UFRJ — CNPq *

Este trabalho é uma tentativa preliminar de interpretar a origem do fenômeno urbano no Brasil contemporâneo segundo o conceito de que as cidades são construções geradas pela mobilização, extração e concentração geográfica de quantidades significantes do produto excedente socialmente designado (Harvey, 1973). Ele se refere à menor categoria do fenômeno urbano — os povoados — na fronteira de recursos localizada ao longo da rodovia Belém—Brasília, na Amazônia.

Construída em 1960, a estrada atravessou a floresta virgem, de modo que os povoados são todos recentes, oferecendo a oportunidade de detectar o processo de urbanização em seu início.

Povoados são núcleos populacionais especialmente compactos com nomes reconhecidos localmente, que possuem caráter rural-urbano. São a residência de trabalhadores rurais ou pequenos agricultores e pequenos centros de mercado. Não possuem, assim, a variedade de funções, a complexidade social e o *status* legal, critérios necessários à sua classificação como centros urbanos segundo a teoria contemporânea. Contudo, de acordo com o conceito adotado, é possível considerar os povoados como uma manifestação de urbanismo, sua forma particular estando vinculada à sua função no padrão global de circulação do produto excedente socialmente designado. Essas incipientes formas de urbanismo constituem a base local de operação, elo de uma grande cadeia que mobiliza o excedente em favor da classe mais poderosa e suas expressões espaciais — as metrópoles (nacionais e internacionais).

* Universidade Federal do Rio de Janeiro e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Trabalho apresentado no III Colóquio da Comissão Sobre Aspectos Regionais do Desenvolvimento, Congresso Internacional de Geografia, URSS, 1976.

Uma vez que o produto excedente e a maneira em que é extraído e concentrado depende do modo de produção e organização social, o trabalho expõe brevemente o contexto histórico brasileiro em que o urbanismo se desenvolve e a seguir analisa a sua dimensão espacial.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO

A emergência dos povoados vincula-se à organização agrária efetuada sob o desenvolvimento do capitalismo após 1930. Nessa ocasião, um novo modo de acumulação foi introduzido no país; a hegemonia econômica agroexportadora foi destruída, e foram criadas condições institucionais para a predominância da estrutura produtiva de base urbano-industrial, bem como para a expansão das atividades vinculadas ao mercado interno.

Durante o primeiro período de industrialização de 1930 a 1960 (substituição de importação), todos os esforços de acumulação visavam a favorecer à empresa industrial. O setor agrícola, contudo, era fundamental para a estabilidade do sistema, uma vez que a ele cabia fornecer mão-de-obra barata e alimentos a baixo custo para os trabalhadores urbanos de modo a permitir a acumulação na empresa industrial. O crescimento agrícola com baixo coeficiente de capitalização, de modo a não perturbar a acumulação urbano-industrial, foi conseguido através de uma contínua expansão horizontal da ocupação do território, sob uma forma de acumulação primitiva estrutural, em que se expropria o excedente criado pela posse transitória da terra por trabalhadores rurais. Este mecanismo foi responsável pela acumulação urbana, pela emergência de um proletariado rural e pela expansão da fronteira agrícola que, apoiada na construção de rodovias, produzia alimento barato para o mercado interno. Iniciando em torno de São Paulo, a fronteira avançou gradativamente para os estados centrais, alcançando a borda da Amazônia.

O forte crescimento urbano verificado a partir de então é, pois, a contrapartida da desruralização do produto, uma vez que nas cidades, sede das indústrias e serviços, acentua-se a concentração do produto social excedente. Este é especialmente o caso de São Paulo e, secundariamente, do Rio de Janeiro, que emergem como centro do sistema espacial nacional que começa a se elaborar.

Após 1960, novos elementos condicionam tanto a urbanização como a expansão da fronteira agrícola. A concentração de empresas baseada em alta tecnologia e economias de escala substitui a unidade industrial; os ramos industriais dinâmicos são absorvidos por empresas multinacionais que dominam os mercados e se expandem por todas as áreas e setores de atividades. A manutenção de altas taxas de lucro dessas empresas foi garantida por um conjunto de incentivos e subsídios oficiais à capitalização institucionalizados em organismos setoriais e regionais.

A formação de um superexcedente nas superempresas reflete-se no espaço pela magnitude da apropriação das terras. A colonização de novas áreas não é mais apenas uma questão de acumulação primitiva; induzida por incentivos fiscais (50% de isenção no imposto de renda para investimento na Amazônia, desde 1969) e financiamentos especiais, abre à grande empresa a possibilidade de reproduzir o excedente através de sua expansão sobre as mais variadas atividades. As formas mais importantes de reprodução do excedente parecem ser: a) o pró-

prio incentivo fiscal e financiamentos; b) a apropriação de terras, uma vez que estão sofrendo uma fantástica elevação de preço; c) a possibilidade de exportar para a região, e da região. Para apoiar essa expansão, rodovias são construídas ou pavimentadas e a migração é estimulada. Como consequência dessa mudança na escala da mobilização do excedente, o urbanismo cresce sob múltiplas formas, desde a metropolização até os povoados que emergem ao longo das novas artérias para onde circula o excedente.

2. A DIMENSÃO ESPACIAL

2.1. Organização da Estrutura Agrária

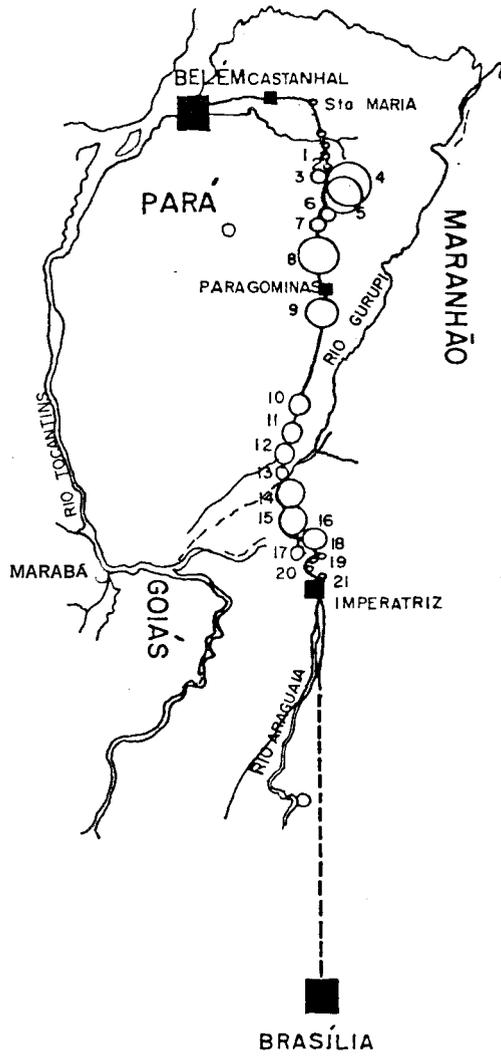
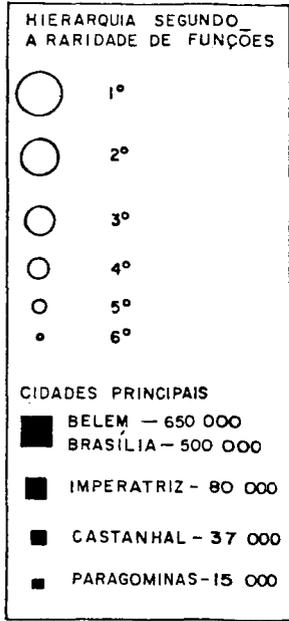
A rodovia Belém—Brasília foi a primeira artéria estabelecida para conectar a Amazônia ao centro do sistema espacial nacional. Sua construção, em 1960, vinculando-se ao mecanismo de acumulação primitiva que permitia a expansão agropastoril em seu padrão extensivo, imediatamente atraiu a frente pioneira baseada na produção de arroz, milho e gado. A classe dos grandes proprietários era representada por fazendeiros provenientes dos estados do leste do País que, organizando a fazenda segundo os moldes tradicionais, utilizavam considerável montante de mão-de-obra originária principalmente dos estados pobres do Nordeste. Deslocando-se com vistas a obter acesso à terra, esta população tomou posse de pequenos tratos ao longo do eixo da rodovia, onde cultivavam produtos alimentícios, especialmente o arroz.

Devido ao seu traçado, contudo, a estrada atravessa áreas diversas. De norte para sul sucedem-se a área deprimida em torno de Belém (até a cidade de Castanhal), a floresta virgem, o cerrado, com sua pecuária extensiva tradicional, e, finalmente, próximo a Brasília, uma área dinâmica, antiga frente pioneira povoada desde 1945. O trecho em estudo é o florestal, efetivamente pioneiro, localizado entre as cidades de Castanhal (PA) e Imperatriz (MA), onde, por sua vez, três áreas são identificáveis, de sul para norte: a) a pré-amazônica, centralizada em Imperatriz; b) a amazônica, virgem, onde uma nova cidade surgiu, Paragominas; c) a amazônica próxima à Castanhal, no contato com a área deprimida supridora de Belém (figura 1).

Os primeiros trabalhadores rurais vieram para a área de Imperatriz, correspondendo à frente avançada de uma expansão pioneira de direção NE—SO vinda do Estado nordestino do Maranhão, com vistas à produção do arroz, extração de babaçu e criação de gado primitiva. Essa população extremamente pobre apossou-se de pequenos tratos de terra ao longo do eixo rodoviário. Com a expansão dos pecuaristas, dois tipos de estabelecimentos passaram a ser encontrados na área: as pequenas *posses* dos nordestinos e as grandes fazendas dos criadores vindos do leste do País. A expansão da pecuária não eliminou a produção de arroz e de milho mantidos por 2-3 anos para a formação das pastagens, mas provocou o declínio gradativo da exploração do babaçu.

Na área de Paragominas, onde não havia povoamento algum, a pecuária é quase exclusiva, instalando-se as pastagens após dois anos de lavoura. Assim, aí domina a grande propriedade, sem chance para as pequenas *posses*. Em torno de Castanhal a pecuária é menos expressiva, dado a proximidade com a área de influência de Belém. Esta, povoada por nordestinos do Ceará no início do século, e suprindo a

FIG I — “POVOADO” — RODOVIA BELÉM-BRASÍLIA — 1975



cidade principalmente em mandioca, permaneceu bastante deprimida, embora esteja se reativando a partir de 1940 graças à produção de pimenta do reino para o mercado externo. Assim, a ocupação na área pioneira é um extravasamento da área de Belém, a população não só se apossando das terras mas conseguindo, mesmo, se transformar em pequenos e médios proprietários policultores de pimenta, malva, arroz, mandioca e tabaco.

Nos últimos cinco anos esta incipiente estrutura vem sentindo os efeitos da recente expansão capitalista. Atraídas pelos incentivos fiscais e pela pavimentação da estrada (1973), que provocou enorme valorização das terras, grandes empresas sediadas em São Paulo adquirem as terras substituindo o fazendeiro individual.

Acelera-se, assim, o processo de apropriação das terras em grandes extensões, utilizadas para explorações da madeira e expansão da pecuária, agora sob moldes empresariais. Operando em grande escala, a empresa moderna aplica toda a tecnologia necessária para extrair maiores excedentes, reduzindo a proporção de mão-de-obra nas fazendas. Uma vez removidas as essências madeireiras mais valiosas, queima-se a floresta e planta-se o capim diretamente de avião, eliminando os dois anos de lavoura. A limpeza das pastagens também é feita por avião, pela dispersão de herbicidas (*tordon*). Reduz-se, assim, o uso da mão-de-obra ao abate da floresta, atividade que também começa a ser feita com motosserras, e à construção de cercas e instalações na fazenda.

A mudança de escala da expansão pastoril vem se fazendo com grandes conflitos entre as empresas, que disputam as terras altamente valorizadas ao longo da rodovia, e os posseiros que ocupam essas terras; como resultado, os posseiros se deslocam novamente para áreas virgens mais distantes, ou se engajam como assalariados nas fazendas, modificando-se as relações de trabalho. Vinculado ao padrão total de circulação do excedente, verifica-se extraordinário crescimento urbano que se manifesta sob diversas formas ao longo da rodovia. As cidades com relações mais diretas com São Paulo multiplicaram sua população, novas cidades surgiram, bem como grande número de povoados.

2.2. A Emergência dos Povoados

As cidades que mais cresceram foram as que possuem laços mais diretos com São Paulo, graças à sua função redistributiva (tabela 1). Imperatriz, uma pequena vila, *explodiu* graças à sua posição. Distante de Belém e Brasília, localiza-se no contato entre a área deprimida do Nordeste e a fronteira de recursos amazônicos; distribui, assim, mão-de-obra nordestina e mercadorias de São Paulo, e coleta o arroz, milho, babaçu e madeira exportados para Anápolis e São Paulo em bruto ou beneficiados, uma vez que beneficiamentos já estão aí se instalando. Como representante dos interesses da classe mais poderosa, tem hoje 80.000 habitantes, um comércio ativo e serviços variados e especializados, embora as condições de infra-estrutura sejam precárias. No outro extremo da área em estudo, Castanhal, antes da estrada, também pequena e estagnada, cresce rapidamente graças à sua posição em entroncamento rodoviário; ao invés de apenas coletar para Belém mandioca, fumo, milho e arroz, como outrora, agora é também centro redistribuidor para a fronteira, e sua população é de quase 40.000 habitantes.

Além do crescimento desses antigos pequenos centros, novos apareceram; na área pastoril uma cidade foi construída — Paragominas —

seu nome revelando que seus fundadores se originaram dos Estados do Pará, Goiás e Minas. Com 15.000 habitantes, já alcançou *status* legal, constituindo a base espacial para a ação local dos fazendeiros, uma vez que é a sede dos bancos e instituições governamentais para a área de criação de gado.

TABELA 1

Crescimento Urbano na Área da Belém—Brasília

CIDADES	1950	1960	1970	1975
Belém	250 000	402 000	650 000	771 665
Brasília	—	140 000	500 000	763 254
Imperatriz	14 000	30 000	80 000	108 265
Castanhal	14 000	21 000	37 000	42 433
Paragominas	—	500	15 000	18 935

FONTE: IBGE.

Outro fenômeno urbano é representado pelos povoados. Entre Imperatriz e Castanhal existem 22 povoados, 19 dos quais surgiram entre 1957-63, isto é, durante a construção da estrada.

A origem dos povoados está estritamente relacionada à extração e mobilização do excedente, uma vez que: 1) surgiram como pontos de concentração de mão-de-obra mobilizada para a abertura da área, de modo a permitir a reprodução do excedente através da apropriação da terra, da exportação de produtos *para e da* região, bem como através da produção de alimentos baratos para a mão-de-obra urbana; 2) são pequenos centros de mercado, pontos de coleta dos produtos exportados e pontos de suprimento de bens e serviços para a população que neles reside; os interesses externos da classe mais poderosa são representados pelo dono da pequena loja, que geralmente exerce ambas as funções, de coleta e de distribuição; 3) surgiram também como pontos de apoio direto à circulação, pois que alguns deles se cristalizaram em torno de postos de gasolina e restaurantes.

Como elo elementar na cadeia da extração e mobilização do excedente, os povoados relacionam-se direta e funcionalmente à mão-de-obra. Por um lado, existem para prover residência, bens e serviços à mão-de-obra local; com uma esfera de influência reduzida, de âmbito local, distam 18 km entre si em média, sugerindo que 9 km é a distância máxima a que se desloca diariamente a população para ir ao trabalho. Por outro lado, exercem a função coletora somente da produção dos pequenos cultivadores, destinada à alimentação da mão-de-obra urbana; os produtos mais caros, como a madeira e o gado, produzidos pelas grandes empresas, e consumidos por classes mais ricas (no mercado interno e externo) não são comercializados no povoado e sim diretamente nos grandes centros.

O povoado se restringe, assim, à comercialização do arroz, milho, malva (tipo de fibra), além de produtos menos importantes como a mandioca e o babaçu. O arroz, produto mais importante na área de

Imperatriz e Paragominas, é comprado por comerciantes locais, ou por representantes de *usinas* de Imperatriz, ou ainda por comerciantes independentes que adquirem pequenos lotes, e então é enviado para Imperatriz. Daí é vendido para ser beneficiado em Anápolis ou então é beneficiado e exportado diretamente para São Paulo. O milho é comercializado junto com o arroz, mas tem intenso comércio intra-regional e grande consumo local, assim como a mandioca. Na área de Castanhal as exportações de arroz, milho e mandioca destinam-se também a Belém; a malva é vendida somente para Belém, sob forma de comercialização muito extrativa: comerciantes locais, representantes de Belém, monopolizam as compras e fornecem mercadorias aos cultivadores que, ao fim do ano, pagam suas dívidas com a produção. Em Belém a malva é industrializada (sacaria) e então vendida para São Paulo.

Em decorrência das razões de sua existência, embora contem com população que oscila de 115 a 4.000 habitantes, os povoados exercem funções muito elementares.

Nove povoados têm população entre $100 < 350$ habitantes, cinco possuem de $350 < 700$, três entre 700 e < 1.500 , três de $1.500 < 2.500$ e um alcança 4.013 habitantes. Somente cinco povoados registram mais de 35 funções entre as 70 que foram pesquisadas.¹

As funções espontâneas mais comuns, além da venda, parteira, curandeiro, artesanato e carvoeiro, são a igreja e o cemitério. Obviamente, o recrutador de mão-de-obra e os dormitórios para trabalhadores estão também presentes em todos eles, bem indicando a sua função básica de mobilização da força de trabalho. A ação do governo é bastante precária, suas únicas funções presentes em todos os povoados se resume na escola primária e no serviço de saúde contra a malária (SUCAM); as demais funções governamentais se restringem à previdência social (11 povoados apenas), força policial (10), alfabetização de adultos (5), posto fiscal (4), cartório e correio presentes em apenas dois povoados.

O nível de subsistência da população pode ser avaliado também através das funções mais raras exercidas pelos povoados: produtos veterinários, fábrica de telha e posto distribuidor de leite.

TABELA 2

Funções Raras dos Povoados

FUNÇÕES	N.º DE POVADOS	POPULAÇÃO
— Produtos veterinários, fábrica de telhas, posto distribuidor de leite	1	4 013
— Supermercado, feira semanal, correio, cartório, olaria, depósito de gás, padaria, técnico de rádio, datilógrafo, loteria esportiva	2 — 3	> 1 500
— Bar, sindicato de trabalhadores, posto fiscal, alfabetização de adultos, dentista, usina de arroz,	4 — 5	> 900
— Sapateiro, vestuário, manicure, taxi, serralha, jornaleiro	6	> 600

FONTE: Pesquisa de campo.

1 Os dados sobre povoados foram obtidos através de questionários aplicados na área para a dissertação de mestrado de Maria de Lourdes Rodrigues, que está sendo elaborado sob a orientação da autora no programa de pós-graduação em Geografia, UFRJ.

A tabela 3 e a figura 1 indicam a posição hierárquica dos povoados segundo critérios quantitativos e qualitativos. Indicam ainda tendências quanto à sua dinâmica, observáveis pelo número de serviços eliminados.

TABELA 3

Hierarquia dos Povoados

POVOADOS	POPULAÇÃO	ORDEM: NÚMERO DE FUNÇÕES	ORDEM: NÚMERO DE FUNÇÕES	NÚMERO DE SER- VIÇOS ELIMINADOS
01 km 14	250	5	6	0
02 km 21	132	5	6	2
03 km 40	524	5	5	0
04 km 48	4 013	1	1	1
05 km 58	1 791	2	2	1
06 km 75	347	5	5	3
07 km 89	335	5	6	1
08 Ipixuna	2 369	2	2	1
09 Piriá	702	3	3	4
10 Cabeludo	643	4	4	0
11 Ligação	600	4	4	1
12 km' 0	506	4	4	0
13 Água Azul	316	6	6	11
14 Itinga	939	4	3	4
15 Cajuapara	1 480	3	3	1
16 Trecho Seco	2 135	5	4	2
17 Cocalinho	425	5	5	0
18 1700	247	5	6	5
19 Barra Grande	115	6	6	0
20 Mãozinha	141	6	6	6
21 Lagoa Verde	780	5	5	2

FONTE: Pesquisa de campo.

O limiar de população parece ser 1.500 para as funções mais raras, mas não há uma correspondência plena entre o tamanho e a hierarquia dos povoados. Por um lado, alguns com população elevada ou expressiva, como os povoados 16 e 21, têm posição relativamente inferior; trata-se, no primeiro caso, da grande proximidade de uma vila que serve à população do povoado e, no segundo, da decadência do povoado cujas funções estão se extinguindo. Por outro lado, centros com menor população, como o 9, o 12 e o 6 apresentam hierarquia superior que pode ser explicada por: a) nível de renda e estabilidade da população local vinculados ao tipo de utilização da terra; quanto mais importante a lavoura maior o número e mais expressivos os povoados; b) distância e tamanho dos centros regionais; c) localização frente a novas estradas que conduzam a áreas em processo de desbravamento; e d) presença de beneficiamentos primários da produção.

Com efeito, observa-se uma variação quanto ao número e às características dos povoados, de acordo com a subárea a que pertencem. A área de Castanha, devido à sua base agrícola diversificada e proximidade a um *settlement* mais antigo, parece ser mais estável. Assim, contém

oito povoados, cuja população de lavradores, originária principalmente do Estado do Pará, se deslocou sob o apelo da propaganda, trazendo alguns bens em dinheiro e móveis. A mobilidade social aí é maior, uma vez que alguns dos migrantes tornaram-se comerciantes ou pequenos e médios proprietários policultores. A comparação do nível de renda familiar médio nas áreas de origem e de destino dos migrantes revela condições similares (tabela 4). Talvez, por essas razões, esta área contenha o povoado de mais alta categoria e um dos de segunda, além de contar com povoados de 500 e mesmo menor número de habitantes que apresentam funções como dentista e sindicato de trabalhadores, vinculados ao nível médio de renda e estabilidade da população.

TABELA 4

Renda Familiar Média dos Migrantes — 1970

ORIGEM		DESTINO PREDOMINANTE	
Regiões	Renda \bar{x} Cr\$	Regiões	Renda \bar{x} Cr\$
Norte	212,00	Castanhal	210,00
Nordeste	139,00	Imperatriz	225,00
Centro	236,00	Paragominas	293,00

FONTES: Censo Demográfico, IBGE, 1970 e Pesquisa de Campo.

A área de Paragominas, centro da pecuária, embora muito extensa, apresenta apenas 6 povoados, todos com população entre 500 e 1.000 habitantes. Estes povoados não são residência de agricultores e sim de assalariados que trabalham nas fazendas de gado, uma população bastante diversificada; originária dos estados do nordeste, do leste (Bahia, Minas Gerais) e centro-sul (Paraná, Mato Grosso) não eram apenas agricultores mas também antigos trabalhadores de estrada, ferreiros, pedreiros etc. Trata-se tipicamente de uma parte da população móvel do País que migra continuamente de região para região induzida pelo apelo da propaganda governamental para obter melhor condição de vida ou acesso à terra. Na área pastoril, contudo, tornaram-se assalariados exercendo trabalhos diversos nas fazendas: retirada da floresta, construção de cercas, sementeiras de capim e arroz, limpeza dos pastos. É de se registrar que os municípios dessa área são os que apresentam renda familiar média mais elevada na região; os povoados, porém, servindo a uma população muito mais instável, não apresentam funções mais raras, à exceção de cabarés e força policial. Acresce que a nova cidade de Paragominas, embora com equipamentos e serviços extremamente precários, supre essa mão-de-obra assalariada em outras funções. Somente um povoado, o n.º 9, devido à sua distância tanto de Imperatriz como de Castanhal e mesmo de Paragominas, desenvolveu algumas funções especiais — depósito de gás, correio, padaria, coleta e exportação de leite para Belém — para serviço dos fazendeiros e não para a mão-de-obra. Em 1971, contudo, um novo povoado emergiu no entroncamento que conduz à rodovia Transamazônica e, graças aos beneficiamentos de arroz e madeira aí instalados, vem crescendo rapidamente e adquirindo múltiplas funções — é o povoado n.º 12.

Na área da lavoura e pecuária de Imperatriz encontram-se 7 povoados em área relativamente pequena. Os povoados são o local de residências de posseiros e assalariados vindos dos estados do Nordeste principalmente do Maranhão, dos mais atrasados do País. Foram eles os primeiros migrantes para o trecho em estudo, mobilizando-se para a área de Imperatriz para cultivar o arroz e extrair coco babaçu. População extremamente pobre, migrou em função de contatos familiares e apresenta muito baixo nível de vida; devido a esta condição e à proximidade da cidade de Imperatriz, os povoados dessa subárea tem o mais pobre equipamento de todo o trecho. O único povoado — o 15 — com funções mais especializadas como olaria, beneficiamento de arroz e madeira, localiza-se também junto a um entroncamento de estrada pioneira.

A ampliação de escala de extração do excedente vem provocando alteração na situação dos povoados. Um novo surgiu, a maioria está em declínio e alguns crescem mais rapidamente, estendendo sua área de influência. De um lado, a expansão da empresa pastoril absorvendo as terras dos posseiros e provocando a sua evasão, contribui para o declínio dos povoados. De outro lado, a acessibilidade melhorada vem eliminando povoados em favor do crescimento de outros com vantagens locais quanto à extração e mobilização do excedente.

Extinguem-se, assim, principalmente os da área pastoril de Paragominas, aqueles localizados próximo aos grandes centros regionais que crescem ainda mais rapidamente, especialmente os da área de Imperatriz onde, a par da presença da grande cidade, a pecuária está em franca expansão. Na área de Castanhal, onde a expansão do gado ainda não ameaça a policultura, os povoados têm maior estabilidade.

A análise das funções que estão se extinguindo comprova a explicação acima sugerida: desaparecem as paradas de ônibus, churrascarias e dormitórios, e com eles os povoados de apoio à circulação do excedente; desaparecem as cooperativas, farmácias e armazéns de compra, e com eles os povoados baseados na lavoura.

Em contrapartida, os povoados que crescem efetivamente são os localizados nos entroncamentos com as novas estradas que circulam o excedente em extração nas novas áreas pioneiras, onde mais uma vez se faz necessária a presença da força de trabalho.

Parece, assim, que, uma vez exercido o seu papel de concentrar a mão-de-obra para desbravamento da área para os grandes proprietários, o povoado se torna desnecessário, extinguindo-se e reaparecendo em novas áreas que estão sendo abertas. No entanto, dado à própria magnitude da extração do excedente, os produtos começam a ter um beneficiamento local de modo a permitir a circulação rápida de grandes volumes. A implantação de beneficiamentos de madeira, arroz e leite nesses povoados, vantajosamente localizados, também contribui para seu crescimento.

O maior povoado, com mais de 4.000 habitantes, em todas as condições para explicar seu crescimento: localiza-se na área de Castanhal, onde as condições da população são melhores, a 50 km da cidade, e num cruzamento de quatro estradas pioneiras. A atividade na área é tão intensa que um outro grande povoado se localiza a apenas 10 km deste. Dois outros povoados dinâmicos situam-se na área de Imperatriz, também junto a uma nova estrada, e um quarto nascido em 1971 e chamado km 0, porque marca o início da estrada que se articula à rodovia Transamazônica, onde uma forte frente pioneira avança...

3. CONCLUSÃO

A análise da origem, características e dinâmicas dos povoados levanta dois tipos de problemas: um relativo à sua estabilidade, o outro à justiça social.

Os povoados são pequenos pontos de concentração e circulação do *surplus* e, portanto, uma manifestação do fenômeno urbano. Para que se transformem em cidades, contudo, é necessário que essa mobilização se estabeleça em bases permanentes. Do que se depreende das rápidas transformações que sofreram em seus quinze anos de existência, a maioria deles tende a estagnar e a se extinguir enquanto alguns, favorecidos por vantagens locacionais, crescem e ampliam sua esfera de influência, sobrepondo-se à pequena esfera de influência local dos menores. Uma hierarquia se organiza, portanto, indicando a presença de algumas relações funcionais e o começo de uma articulação regional.

Pode-se, talvez, esperar que essa articulação tenderá a se cristalizar. Isto significa que a extração e mobilização do excedente está sendo capaz de organizar um novo espaço. No entanto, a essa organização espacial, caracterizada por grande crescimento e multiplicação de cidades, não corresponde a uma equivalente descentralização econômica, social ou política. Pelo contrário, como um elo intermediário na circulação do produto excedente, ela está sendo implantada com elevado custo social e favorecendo maior centralização no centro.

Em termos da teoria contemporânea do desenvolvimento regional, é, portanto, discutível se a multiplicação de centros urbanos na periferia expressa efetivamente a difusão do processo de desenvolvimento. É ainda discutível atribuir a ausência de crescimento a barreiras à difusão representada pela resistência de estruturas tradicionais, uma vez que a origem e o destino dos povoados estão vinculados a uma nova estrutura. Se prioridade for dada à equidade social em vez de ao crescimento econômico global, maior atenção deveria ser dada a esses novos foros de potencialidades humanas, e maior estímulo à sua capacidade de gerar inovações de modo a contribuir para um desenvolvimento efetivo.